

A ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA CARTA E SEU LUGAR DE MEMÓRIA*

SILVA, Gustavo Souza da
Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Paulista (UNIP)
gustavo03@uol.com.br

NASCIMENTO, Christiane Mangilli Ayello
Universidade Paulista (UNIP)
christianem.ayello@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho visa abordar as formas e estratégias discursivas da comunidade caiçara de Trindade-Paraty (Rio de Janeiro), investigar a relação dialógica presente na narrativa e a ideologia implícita no discurso como possíveis ferramentas de fortalecimento e acesso à memória coletiva. Trataremos neste artigo da análise Bakhtiniana de um texto escrito pelos nativos desta comunidade na década de 70, em que houve um enfrentamento de uma crise relativa ao território pela especulação imobiliária. Partiu-se do pressuposto de que o texto revela o sofrimento e o lamento, bem como a resistência da comunidade pela permanência em sua terra nativa. Há um discurso ideológico, ancorado no direito territorial através da posse e do trabalho, e a identidade do povo caiçara que serão igualmente discutidos sob-referenciais teóricos de Bakhtin (1997) e outros autores como Ricouer (2007), Halbwachs (1990) e Nora (2012), a fim de estabelecermos um diálogo. Através deste diálogo e da análise do corpus ((197-) a que nos propusemos, intencionamos encontrar o lugar da memória coletiva da comunidade).

PALAVRAS CHAVE: *discurso; identidade; memória coletiva.*

*Este artigo foi apresentado julho de 2020, pela discente Christiane Mangilli Ayello Nascimento, como conclusão da disciplina de Fundamentos do discurso, no curso de Mestrado em Comunicação na Universidade Paulista, campus de Indianópolis – SP, e foi elaborado sob orientação de professor Dr. Gustavo Souza da Silva.

INTRODUÇÃO

A Vila de Trindade é uma comunidade caiçara localizada no extremo sul fluminense, próximo à divisa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

A história nos conta que existem registros de população nesta comunidade por volta de mais de dois séculos. Foi colonizada por índios, navegantes e exploradores europeus.

Durante muitos anos viveram da caça e pesca, e agricultura de subsistência. Há um rico acervo de materiais áudio visuais que pertencem à comunidade, como fotos, documentários, reportagens de jornais; materiais estes que retratam as dificuldades e conflitos sociais enfrentados.

Pela sua localização privilegiada e natureza abundante, desde a década de 70 vem sendo explorada pela especulação imobiliária, enfrentando graves conflitos sociais e situações de luta (inclusive armada) pela permanência em seu território.

Percebe-se que a comunidade, fragilizada por estes conflitos, demonstra necessidade de afirmação da identidade e cultura local, e desta forma garantir o direito de permanecer no território em que nasceu.

A partir de pesquisa prévia sobre a história do vilarejo de Trindade em revistas, e nas páginas da *internet* não há menção sobre conflitos territoriais anteriores a década de 70, o que ocorre igualmente na história oral contada pelos moradores mais antigos nos documentários *O Vento* (1979) e *Trindadeiros* (2008), em que não há relatos de movimentos sociais relativos à posse das terras. Percebe-se ao assistir os depoimentos nestes filmes, que o vilarejo era um lugar tranquilo. Diante destes apontamentos considera-se o evento ocorrido inédito na vida da referida comunidade.

Neste artigo pretende-se traçar um recorte do primeiro período de luta pelo território, e realizar uma análise de uma carta da década de 70 enviada pelo Povo de Trindade ao Povo de Paraty, sob a luz de Bakhtin (1997), que acreditamos possa revelar em seu enunciado a resistência da comunidade, além de ideologia referente aos direitos de posse da terra e a identidade caiçara.

Abordaremos as estratégias e formas discursivas da carta escrita pela comunidade de Trindade – Paraty para que possamos compreender o sentido do referido documento. O objetivo desta análise é descortinar o pano de fundo deste material textual, a fim de revelar o discurso e a ideologia implícita, e seu lugar de memória.

A escolha do *corpus* ((197-) do trabalho foi estabelecida em função do interesse em pesquisar grupos sociais minoritários que trazem história de resistência, a fim de poder auxiliar na visibilidade dos mesmos dentro da academia, aproximando as vivências sócio culturais históricas das pesquisas

científicas, e no registro destas dificuldades vividas por estes povos; para que reafirmem seu local de memória. Para analisar o *corpus* ((197-), seguiremos a orientação metodológica inspirada pelo pensamento bakhtiniano.

Pretendemos pensar sobre os processos de elaboração desta carta, seu conteúdo, forma e material utilizados no ato de criação do discurso escrito. Há uma série de enunciados no texto, como posições ideológicas demarcadas, a identidade e a resistência, que serão percorridos no desenvolvimento da análise.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

A metodologia utilizada neste trabalho conta com um estudo qualitativo que fará a análise de um documento textual escrito, sob o referencial de Bakhtin (1997), estudioso da linguística e semiótica, a fim de discutirmos o sentido. Esta análise pretende discutir seus conceitos de enunciado, o conteúdo, material e a forma utilizada da criação do texto, e posteriormente relacionar os dados obtidos desta análise com a memória coletiva.

A análise do discurso é uma prática de análise do estudo linguístico, adotada no campo da comunicação. Ela consiste na análise da estrutura de um dado texto, seja ele verbal ou não verbal. O discurso, em suma, é a construção da linguística que está ligada diretamente ao contexto social atrelado pelo texto elaborado.

As ideologias presentes em um dado discurso são determinadas diretamente pelo contexto político-sócio-cultural em que o autor vive. Por isso, a análise do discurso é muito mais que uma análise textual, e compreende a busca do sentido.

É fundamental uma postura crítica com respeito ao conhecimento, reconhecer que a maneira de compreendermos o mundo é histórica e cultural.

A metodologia de pesquisa qualitativa na análise discursiva pretende verificar em que perspectivas os planos sociais de poder, ideologias se constroem e revelam sentidos. O pesquisador é um agente que contribui na articulação entre linguagem e sociedade, pela interpretação fundamentada em referenciais teóricos consistentes, nos quais embasa sua discussão. A partir da reconstrução do olhar para seu objeto é possível ampliar as visões desse objeto, se sustentando em fundamentos científicos anteriormente estudados.

Especificamente, neste trabalho, os dados coletados foram obtidos por meio da análise discursiva do texto escrito e o diálogo entre os autores escolhidos para referenciar e referendar os resultados.

Intencionamos relacionar os resultados da análise discursiva do texto com a memória coletiva embasados nos referenciais teóricos de Nora (1993), Ricouer (2007) e Halbwachs (1990). Acreditamos que estes autores podem sustentar a hipótese de que a análise do documento textual escrito (carta) poderá nos revelar o seu lugar de memória na comunidade.

2.1 O Objeto

O Objeto escolhido para esta análise e discussão foi uma carta escrita na década de 70 pelo povo de Trindade ao povo de Paraty, chamada aqui de *corpus* ((197-). Neste período, Trindade vivia uma luta pela permanência em seu território. A carta foi escrita por 52 famílias da comunidade de Trindade e solicitava auxílio à Paraty no enfrentamento deste conflito social. A riqueza deste documento histórico, que contém aspectos da identidade, do modo de vida e cultura do caiçara, ofereceu condições para a elaboração de análise e uma discussão que auxiliarão a alcançar o objetivo deste estudo.

Ao analisar este documento, identificando os enunciados, e principalmente o sentido social, obteremos a possibilidade de avançar em um diálogo com outros referenciais teóricos, pretende-se encontrar neste documento o seu lugar de memória.

Os enunciados trazidos no documento histórico que será analisado representam um diálogo significativo que se configura com a participação de vários autores e nos reporta a uma linha de tempo-espaco dentro da história desta comunidade.

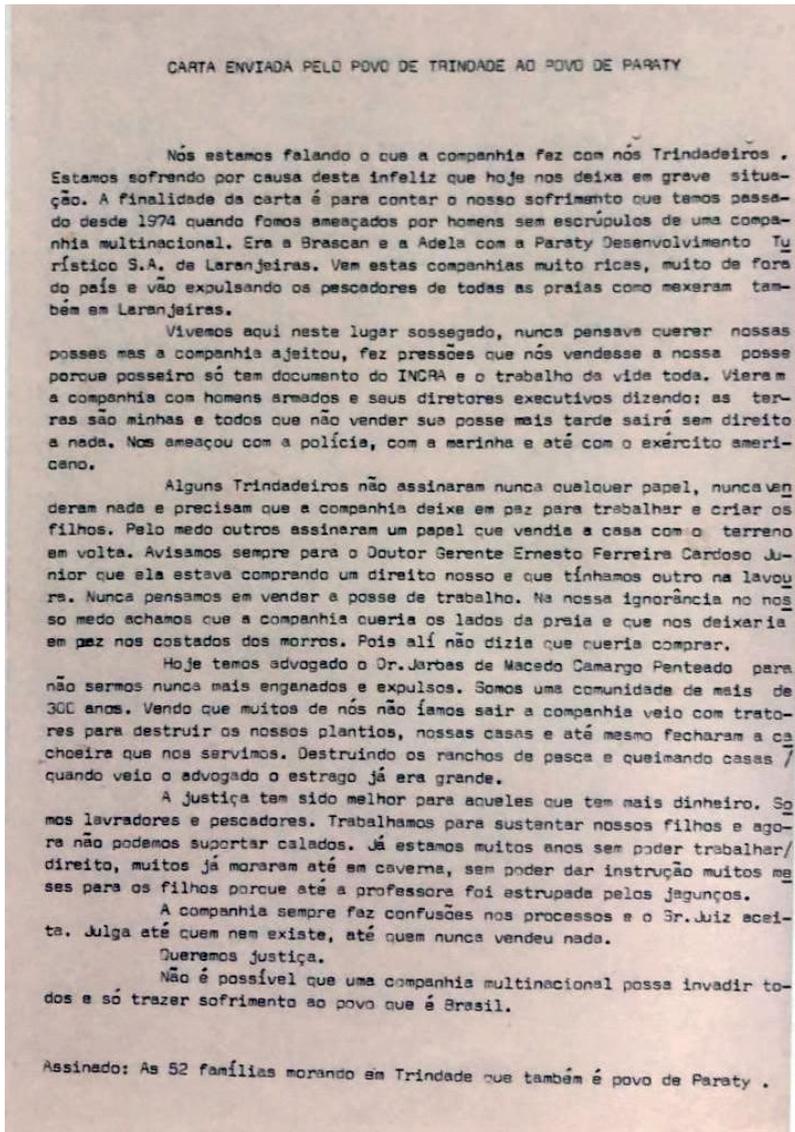
O registro histórico realizado pelo *corpus*, nos situa e nos permite realizar uma volta ao passado de luta desta comunidade. O estudo traz o passado ao presente, e podemos inferir que existe neste percurso a voz da memória.

A escolha da carta enquanto objeto de estudo se justifica primeiramente por ser um texto escrito, que caracteriza um determinado período de vivência da comunidade e por ser um texto com elementos linguísticos ricos, que são fortemente carregados de enunciados, e trazem em seu conteúdo identidade da referida comunidade, a ideologia e o sentido social que buscamos para encontrar o lugar de memória. Segundo Halbwachs (1990, p. 80): A necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa, desperta somente quando eles já estão muitos distantes do passado, para que se tivesse a oportunidade de encontrar por muito tempo ainda em torno de si muitas testemunhas que dela conserve alguma lembrança.

O *corpus* ((197-) é um registro histórico que existe há aproximadamente meio século. Podemos encontrar testemunhas vivas desse registro, e o documento exerce seu potencial significado de auxílio ao acesso às lembranças que construíram a memória coletiva. Embasados nesse pensamento podemos considerar que a carta pode ser interpretada como lugar de memória, pois transcende linhas temporais e de significados concretos, através das identidades que se organizam em seu âmbito e dos enunciados produzidos com inúmeros sentidos.

A **Figura 1** apresenta a fotografia da carta, a fim de possibilitar uma maior validade e fidedignidade ao estudo proposto. A cópia da carta nos foi cedida pelo morador Elson Ramos da Anunciação, caçara nativo de Trindade, que esteve presente no momento da luta territorial.

Figura 1 Carta enviada do Povo de Trindade ao Povo de Paraty



2.2 Análise do objeto

O referencial teórico de Bakhtin (1997) que norteia a análise, prima por convidar em sua obra a releituras constantes de temas que envolvem a linguagem e a semiótica, e inserindo o outro como parte fundamental do discurso. Ele nos inspira pela interpretação participativa e a inserção do social, que acreditamos trará contribuições enriquecedoras na análise discursiva deste trabalho.

Segundo esse autor, para que se contemple o ato de narrar, é necessário que exista uma temática e um discurso, bem como um enunciador e um destinatário. O enunciador e o destinatário estabelecem um diálogo e nesta relação dialógica se constitui o discurso. Bakhtin (1997) trouxe o pensamento de que todo enunciado tem caráter dialógico, produzindo sentido e devem ser analisados no contexto social em que se inserem. Somente a análise morfológica ou sintática, não é suficiente, mas devemos verificar as condições de produção desse enunciado para compreender o sentido. Neste mesmo caminho Bakhtin (1997) entende que um enunciado necessita de enunciados anteriores para que se perceba o sentido. Na interação verbal se manifesta um fenômeno social e no fluxo desta interação, a palavra é (re) significada no contexto que emerge através do enunciado.

Apesar de não estar datada, acredita-se que esta carta foi escrita em meados dos anos 70, quando a comunidade vivenciou o primeiro conflito social de que se tem registro, a fim de permanecer no seu território. No parágrafo inicial da carta há uma citação de sofrimento vivido desde 1974.

O título: “Carta enviada do Povo de Trindade ao Povo de Paraty” nos leva a inferir que há uma proposta de diálogo inicial, de um povo para outro povo, o que traz a ideia de separação por se tratarem de povos distintos, porém de semelhança por se tratarem de povos.

É importante destacar que Trindade, à época, era uma vila de pescadores, considerada zona rural de Paraty. Portanto, fariam parte do mesmo povo. Entretanto, historicamente, é sabido que existem semelhanças e diferenças entre estes locais, que talvez possam ser explicadas pela distância geográfica. Em tempos passados, onde não existiam meios de transporte adequados nem vias pavimentadas, o acesso era difícil. As pessoas que transitavam de Trindade à Paraty iam a pé ou a cavalo, por trilhas com morros íngremes e percorriam cerca de quase 30 quilômetros. Em consequência destas dificuldades a comunidade de Trindade desenvolveu certa autonomia, traduzida em uma identidade peculiar percebida no modo de vida da população.

A proximidade com o mar e a mata os fez criar uma vida auto

sustentável de pesca, roça e, por consequência, produção dos próprios alimentos, bem como artigos de subsistência em geral, e era pouco habitual a viagem à Paraty, exceto em casos de extrema necessidade.

Apesar deste distanciamento houve uma tentativa de diálogo, percebida no título, mostrando amistosidade.

No que se refere ao enunciado, este *corpus* ((197-)) textual traz vários temas, se delinea em um estilo textual característico, com citação de nomes próprios e expressões coloquiais com erros gramaticais, o que nos mostra uma possível limitação na educação formal. Mas, em contrapartida, refere uma sabedoria e resistência quando conta sobre pressões sofridas por empresários, e a discordância em entregar suas terras no momento em que há a afirmação de nunca ter assinado nenhum papel de venda. Tem uma construção composicional hegemônica, que pela forma apresentada traduz a identidade do povo caiçara de Trindade, sua relação com o povo de Paraty e a denúncia de invasão nas suas terras, com sentimento de revolta, sofrimento e lamento, identificado em vários parágrafos da *corpus* ((197-)) analisado é uma carta onde não há somente um autor, ela é escrita em terceira pessoa e assinada por várias famílias de Trindade. Esta peculiaridade nos mostra a união e a identidade do povo, manifestando neste diálogo a resistência.

O autor se encontra no momento inseparável em que o conteúdo e a forma se fundem, e percebemo-lhe a presença acima de tudo na forma. A crítica costuma procurar o autor no conteúdo separado do todo; conteúdo que é associado naturalmente ao autor, homem de um tempo definido, de uma biografia definida e de uma visão do mundo definida (a imagem do autor fica confundida com a imagem do homem real. (BAKHTIN, 1997, p.403).

No decorrer da narrativa encontram-se nomes próprios, que se referem ao possível comprador das terras, Dr. General Ernesto Ferreira Cardoso, e do advogado de defesa da comunidade, Dr. Jarbas de Macedo Camargo Penteado, o qual teria sido enviado como representante do escritório do Dr. Sobral Pinto.

Em pesquisas documentais da história da comunidade, como os documentários *O Vento* (1979) e *Trindadeiros* (2008), que contém relatos sobre a disputa territorial e notícias na imprensa escrita e falada, há registros que a causa de disputa territorial chegou ao conhecimento do então advogado Dr. Sobral Pinto, que aceitou prontamente defender os caiçaras, pois à época solidarizou-se com a causa e era considerado um defensor desses povos minoritários.

Os nomes próprios destacados no documento são de personagens importantes nesta luta, sendo a imagem dos opostos, de um lado o explorador e do outro a resistência, identificada pelo advogado de defesa.

O tempo de 300 anos de existência da comunidade é citado como aliado, demonstrando o direito à posse, seu local na história e em consequência um lugar de memória.

A narrativa da destruição de seu roçado e de suas casas queimadas revela um possível evento social traumático sobre o qual neste momento não nos cabe debruçar, entretanto é importante destacar, visto que o trauma social estabelece uma relação quase intrínseca com a memória.

Ao citar no final da carta, “Queremos justiça”, é evidenciada de maneira enfática a resistência, utilizando um verbo transitivo direto, em terceira pessoa, e que o destinatário ao ler terá possivelmente o sentido de ordem estabelecida, da forma sintática pela qual foi apresentada.

Na análise do documento percebemos a identidade, o sentimento, a união do povo de Trindade e o testemunho destas questões dado ao povo de Paraty. As situações descritas na narrativa trazem conteúdos ricos, que refletem a cultura caiçara e traduzem a resistência.

3. ANÁLISE DO DISCURSO

Podemos considerar uma homogeneidade no discurso, principalmente no que se refere à identidade do caiçara e dos desejos da comunidade em permanecer na sua terra.

Nota-se que há um complexo de inferioridade identificado pela oposição relatada entre conhecimento e ignorância. Em contrapartida, ao apresentar questões legais pelos personagens que vem auxiliar no conflito, sugere um sentimento de uma sutil segurança percebida em determinados pontos do texto.

Como forma de expressão do conteúdo na narrativa do texto a identidade caiçara é reforçada em vários momentos e o direito à posse do território pelo trabalho e pela ancestralidade. A questão temporal é utilizada como forma de afirmar este direito.

O discurso traz uma narrativa implícita de oposição, uma luta de classes velada, que se manifesta através do empresário detentor do poder caracterizado pela posição econômica e conhecimento versus a ignorância e dificuldade financeira da comunidade exposta em trechos da carta. Acreditamos ser importante ressaltar que a identidade traz a fraqueza, pela ignorância citada acima. Porém, em contrapartida, a força utilizada como um

mecanismo de afirmação pelo direito à permanência no território, a posse da sua terra quando é remetida aos ancestrais, e o modo de vida (trabalho e cultura); identifica-se um processo de resistência.

Existe um apelo, uma espécie de chamado às autoridades pela dignidade através da nacionalidade, e uma denúncia explicitada quando são citados julgamentos prévios realizados por representantes da lei de forma a proteger os que possuem condições econômicas superiores em detrimento a indivíduos menos favorecidos. Constitui-se nestes argumentos um diálogo que envolve ideologias representadas pela identidade e relações de poder ancoradas nas questões legais, financeiras e de saber.

Invocando a forma de expressão no conteúdo exposto na carta e nos enunciados contidos no texto, explicita-se a resistência ao poder do opressor. Esta resistência é demonstrada no documento quando as questões ideológicas dos direitos de posse da terra pelo trabalho e pela própria identidade caíçara encontram-se na pauta, bem como pela maneira coletiva com que foi elaborado tal documento.

Vale ressaltar que segundo Bakhtin (1997), o autor é o criador do texto oral ou verbal, e no ato de criação, veicula algo novo que possui uma força motriz, por vezes cultural, que preside a criação e enriquece a matéria e o conteúdo, transcendendo a um plano de valores. Insere-se neste contexto a ideia de que o autor, por meio do enunciado e estilo proposto em seu texto dialoga com o destinatário.

A psicologia social diz que a identidade é construída através da percepção das diferenças, que são utilizadas para a tomada de consciência do eu. Neste processo ocorre um paradoxo de que ao me perceber diferente pode haver uma rejeição do outro e se eu me aproximo deste outro posso contidos me perder de mim.

Consideramos que em uma sociedade onde se vivencia um conflito social, este paradoxo deva ser superado a fim de se conquistar a identidade grupal. Para que a identidade grupal possua força suficiente de enfrentamento, é necessário que o grupo identifique as semelhanças entre si e as diferenças para com o outro grupo causador do conflito. A percepção das diferenças grupais, bem como o sentimento de violação de direitos, neste caso de posse do território, e de defesa dos ideais de permanência no território, se configura em resistência.

Nesta perspectiva, construindo pilares entre identidade e cultura, poder e resistência, e nos amparando em outros referenciais como: Ricouer (2007), Nora (1993) e Halbwachs (1990) para dialogar com Bakhtin (1997), pretende-se explicitar o lugar de memória coletiva da comunidade.

4. UM LUGAR DE MEMÓRIA

Buscaremos expor conceitos relativos à memória, visto que tem sido frequente o encontro desta problemática na área da comunicação além de pertencer ao nosso campo de estudo neste trabalho.

Ricoeur (2007, p. 170) diz que, “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental”.

Considerando o *corpus* ((197-) um documento testemunhal textual, acreditamos que a memória faz-se presente no momento da execução e se torna lembrança no tempo hoje. Diante desta afirmação de Ricoeur (2007), avalizamos a carta como um testemunho de história e memória.

Permanecendo no pensamento que o objeto de estudo é um registro de história e memória, foi estabelecida uma conexão com a teoria de Nora (1993), quando ele discursa sobre as questões de história-memória, mostrando que a memória ultrapassa a história, visto que ela seria atemporal. Ao nos debruçarmos sobre a observação de um fato histórico ou registro documental, a memória é livre, enquanto a formalidade de um texto, por exemplo, encontra-se preso a sua concretude. Na trama entre história e memória proposta por Nora (1993), fica evidente que limitar os registros históricos somente ao seu tempo, desconsiderando o sentido o qual somos livres para lembrar, e significar e (re) significar, nos cede espaço para reflexões. Entretanto, é óbvio que este fio condutor nos leva a crer que a memória e a história tem uma ligação intrínseca, por vezes de oposição, configurando uma relação dialética. Nora (1993) afirma que há uma rede articulada dessas identidades diferentes, uma organização inconsciente da memória coletiva que nos cabe tornar consciente de si mesma. A reflexão de Nora (1993) nos acrescenta conteúdo ao descrever os lugares de memória como sendo o lugar que escapa da história, onde tudo conta, tudo simboliza e tudo significa.

Compartilhando com as afirmações de Nora (1993), e nos alimentando de outra fonte, Halbwachs (1990, p.80) nos fala: “de tudo que foi dito anteriormente se conclui que a memória coletiva não se confunde com a história, e que a expressão memória histórica não foi escolhida com muita felicidade, pois associa dois termos que se opõe em mais de um ponto”.

Assim, não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse,

com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço, aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso nossa imaginação e nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir, que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 143)

Esta citação nos remete a duas estruturas relacionadas a esse trabalho. A primeira trata-se da lembrança acessada por meio do local em que se vive, ponto relevante nessa pesquisa, visto que o *corpus* ((197-)) nos traz o sentido da luta da comunidade caiçara pela permanência no território. A segunda, diz respeito ao meio material que nos cerca, nos induzindo a refletir que o meio material possa representar o espaço e o que nele está contido, suas produções, seus arquivos. Considerando estas duas estruturas, concebemos que a carta representa a memória coletiva de uma comunidade em seu espaço físico cercada por toda a construção deste espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução deste trabalho assumimos o desafio de analisar discursivamente um texto escrito (carta) pela comunidade caiçara de Trindade- Paraty, sob o referencial de Bakhtin (1997) e outros autores que pudessem dialogar com ele, acerca do conteúdo, do enunciado, a forma e o material utilizados neste processo de discurso.

Analisando o texto buscamos igualmente explorar o sentido e através do mesmo, verificar o lugar de memória coletiva desta comunidade.

No decorrer do processo de pesquisa caminhamos pela identidade e resistência da comunidade na luta pela permanência em seu território, além dos enfrentamentos e contradições com relação a situações de opressão e poder.

Consideramos que um facilitador deste percurso foi utilizar o referencial de Bakhtin (1997) para iluminar o *corpus* ((197-)), momento em que pudemos investigar detalhadamente o objeto do trabalho, atingindo um os objetivos em revelar os sentidos desse discurso textual, o processo de criação do mesmo, localizá-lo em seu espaço-tempo e descortinar ideologias presentes.

Percebemos que ao analisar discursivamente um documento da história, por meio de conceitos bakhtinianos, com as técnicas sugeridas pelo autor, é possível verificar a existência de conteúdos subliminares, transcritos na forma e nos enunciados que constroem a narrativa. Ao relacionar os conceitos de identidade e resistência, poder e opressão identificados

na análise do discurso como vozes existentes no diálogo estabelecido por meio dos enunciados, e nos apoiando em referenciais teóricos, revela-se a proposta da descoberta do sentido. Bakhtin (1997, p.343) nos diz que “dois enunciados distintos confrontados um com o outro, ignorando tudo um do outro, apenas ao tratar superficialmente um único e mesmo tema entabulam, inevitavelmente, uma relação dialógica entre si. Ficam em contato, no território de um tema comum, de um pensamento comum”.

Nora (1993) nos fala de documento de história como memória, Ricouer (2007) reforça que arquivo e documentos são parte da memória, e Halbwachs (1990) determina as vivências grupais como essenciais para a memória coletiva. O objeto de análise, a carta, conta uma história de um determinado grupo, em um tempo específico além de uma vivência grupal com um sentido social.

A narrativa deste discurso trouxe o sentido social, e os demais autores utilizados, como Nora (1993), Ricouer (2007) e Halbwachs (1990), nos serviram igualmente para conversar com Bakhtin (1997) e sustentar nossa hipótese inicial de que a partir do sentido podemos encontrar um lugar de memória coletiva.

Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que essa reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram ou continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (HALBWACHS, 1990, p.34)

Valemo-nos de Halbwachs (1990) para concluir que por meio da reconstrução dos dados qualitativos deste texto, a memória coletiva se faz presente, e ao analisar discursivamente o conteúdo, a forma de expressão do enunciado e o material segundo Bakhtin (1997) e desvendar o sentido, atestamos que a resistência e a identidade grupal revelada no *corpus* ((197-)) fizeram emergir o espírito desta comunidade que se encontra em seu território até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*, 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CORPUS. *Carta enviada ao pelo povo de Trindade ao povo de Paraty*, ((197-)).

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JAQUES, M. G. C. Identidade. In: M. N. Strey et al. *Psicologia social contemporânea* (pp. 159-167), Petrópolis: Vozes (1998).

NORA, P. **Entre Memória e história**: A problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [s.l.], v. 10, out. 2012.

O VENTO contra. Adriana Mattoso. Youtube. 1979. 37'24" Disponível em: <https://youtu.be/AEIdstzzQ8E> Acesso em 20 de abril de 2021.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

TRINDADEIROS 30 anos depois. Direção de Davi Paiva e Silvio Delfim. Trindade - Paraty - Rio de Janeiro, 2008. 1 DVD (90 min.).

